

O domínio nominal em Crioulo de Cabo Verde o *puzzle dos bare nouns*¹

Nélia Alexandre², Nuno Verdial Soares
Universidade de Lisboa

1. Introdução

Os *bare nouns* (BNPs) são uma característica nuclear das línguas crioulas (cf. Bickerton, 1981, entre outros) porque, nestas línguas, podemos encontrá-los num grande número de posições sintáticas, parecendo ser semanticamente subespecificados para [definitude] e, por vezes, para [número]: normalmente, os crioulos não têm informação gramatical/lexical para identificar estes traços.

Também tem sido referido na literatura que os BNPs se tornaram mais restritos devido ao aparecimento de material funcional novo (cf. Bruyn, 1995b). À semelhança de outros crioulos, particularmente os mais ‘antigos’, o Crioulo de Cabo Verde (CCV – variedade de Santiago) não tem registos históricos que nos esclareçam sobre o caminho que os BNPs percorreram nesta língua³.

Em CCV, frases como as de (1)⁴, com um BNP na posição de sujeito pré-verbal, são muito frequentes, podendo ser interpretadas como em (a) – preferencialmente – ou (b)⁵, o que gera uma ambiguidade que só pode ser clarificada pelo discurso.

¹ Gostaríamos de agradecer a Ana Lúcia Santos, Tjerk Hagemeijer, Ana Luisa Costa, Madalena Colaço, Teima Magalhães e, especialmente, a Inês Duarte e Fátima Oliveira os seus comentários sobre esta comunicação. Queremos expressar igualmente o nosso agradecimento, pelo empenhamento e tempo dispendido, aos informantes Josefa Cardoso, Jeremias Fernandes, Ermelinda Furtado e José Moreno.

² Projecto BD/13536/2003 apoiado pelo Fundo Estrutural Europeu do III Quadro Comunitário de Apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

³ A ilha de Santiago foi a primeira ilha do arquipélago de Cabo Verde a ser descoberta (no século XV), mas tanto quanto sabemos os mais antigos registos escritos do CCV datam da segunda metade do século XIX (cf. Coelho, 1880; Costa & Duarte, 1886 e Brito, 1887, reeditado numa colectânea de 1967 por J. Morais-Barbosa). Até à data, o Português é ainda a única língua oficial da República de Cabo Verde, apesar de a Convenção Ortográfica ALUPEC estar a ser testada desde 1998.

⁴ Os exemplos serão transcritos de acordo com as fontes originais, respeitando as opções ortográficas feitas pelos autores. Apenas os exemplos fornecidos pelos nossos informantes serão transcritos segundo o ALUPEC.

⁵ O BNP também pode ocorrer com a forma de plural (-is) – *katxoris*, mas neste caso apenas a interpretação de (1.b) está disponível e a ambiguidade desaparece.

- (1) **Katxor** gosta di karni.
 Cão gostar(IMPERF)⁶ de carne
 a. 'Um cão gosta de carne.'
 [interpretação adequada: todo o/qualquer cão ...]
 b. 'Os cães gostam de carne.'
 c. *'O cão gosta de carne.'

O nosso objectivo será então o de analisar BNPs na posição de sujeito pré-verbal em CCV, à luz do tamento teórico proposto por Chomsky (2001) e Legate (2003). A hipótese que colocamos *a priori* é a de que, na língua crioula em causa, há BNPs na posição sintáctica considerada porque não há artigos. De modo a enquadrarmos esta nossa hipótese, passamos a uma breve descrição do sistema nominal do CCV.

2. Artigos e demonstrativos

Em CCV, à esquerda do N pode ocorrer um artigo indefinido (*un(s)*), demonstrativos (*es ... (-li)*, *kel/kes ... (-li/-la)*) e, assumimos desde já, um artigo definido *kel/kes*, como se pode ver nos exemplos abaixo (cf. (2-4), respectivamente).

- (2) **Un amigu** tilifona-m.
 Um amigo telefonar(PERF)-me(1SG)
 'Um amigo telefonou-me.'
- (3) **É frutu di es temozia** ki ben ta parse (...) alguns
 Ser fruto de DEM teimosia que vir PERF aparecer alguns
 tentativa di alguns mas konsienti di valor di nos língua.
 tentativa de alguns mais consciente de valor de POSS(1PL) língua
 'É por causa desta teimosia que têm vindo a aparecer algumas tentativas feitas por pessoas mais conscientes do valor da nossa língua.' (Silva, 1998: 117)
- (4) **Kiriolu é di kes poku kusa** ki kauberdianu pode
 Crioulo ser de DET pouco coisa que caboverdiano poder
 ngaba ma é si kiriason.
 gabar que ser POSS(3SG) criação
 'O Crioulo é das poucas coisas de que os caboverdianos se podem gabar.'
 (Silva, 1998: 109)

⁶ No que diz respeito ao Aspecto, assinalamos os valores das formas verbais segundo Perfectivo/Imperfectivo. Considerámos, contudo, a proposta de Carlson (1977) sobre a diferença entre predicados *Stage-Level* e *Individual/Kind-level*.

2.1. O artigo indefinido

O artigo indefinido parece ocorrer sempre que é necessário estabelecer um contraste entre dois membros da mesma espécie (cf. (5)) e introduz informação nova em narrativas (cf. (6)).

- (5) **Un** figo run tâ danâ ôto.
 Un figo ruim IMPERF estragar outro
 ‘Um figo podre estraga todos os outros.’ (Costa & Duarte, 1967: 320)

- (6) Alí un bes tinha un Lobu k’un Xibinhu (...).
 Ali um vez ter(PERF) um lobo com-um cabrito.
 ‘Era uma vez, havia um Lobo e um Cabritinho.’ (Lima, 2000: 23)

2.2. Os demonstrativos

Quanto aos demonstrativos, não há dúvidas acerca do estatuto de *es*: ele pode ocorrer sem o clítico dêictico *-li* e continuar a ser um demonstrativo (cf. (7)):

- (7) Y **es** raspósta debe buskadu ku diterminason
 E DEM resposta dever procurar+PASS com determinação
 di ken ki sabe ma el ta atxadu.
 de quem que saber que 3SG PERF achar+PASS
 ‘E esta resposta deve ser procurada com a determinação de quem sabe que a encontrará.’ (Silva, 1998: 114)

Contrariamente a *es*, o estatuto de *kel/kes* é mais problemático. O seu estatuto de demonstrativo só não é questionável quando co-ocorre com o clítico dêictico *-li/-la*. Segundo Lang (2002: 35), a diferença semântica entre estes dois demonstrativos (*es*, invariável em número e *kel*, variável) é a seguinte: “*kel* (...) *doesn't say anything about the proximity or distance, be it spatial or temporal, of the referent in question – es puts it always near the speaker. This is why es can only be combined with the demonstrative adverb li, whereas kel/kes may be combined either with li or la* (...)” (cf. (8-9)).

- (8) **Kel** mudjer-li e bunita. **Ke(l) *(la)** e margos.
 DEM mulher-CL ser bonita DEM CL ser amarga
 ‘Esta mulher é bonita. Aquela é feia.’

- (9) **Es** grupu li/*la inda sta fracu.
 DEM grupo CL ainda ser fraco
 ‘Este grupo ainda é fraco.’ (CVMusicMusic.com)

Tal como *ke-la* (em (8)) mostra, só um verdadeiro demonstrativo pode ocorrer no contexto de elipse de N não modificado. Então, qual é o estatuto de *kel/kes* sem *-li/-la*?

2.3. A caminho de um artigo definido

Apesar de normalmente se referir que não há artigos definidos em CCV, vamos assumir que esta língua está a desenvolver um artigo definido – *kel/kes* – (cf. (8), onde a ocorrência isolada de *kel* é agramatical), que veicula explicitamente [definitude] e [número]⁷.

Um dos testes a favor do estatuto de *kel/kes* como artigo definido é a presença de possessivos. Note-se que quando um possessivo está presente, *kel/kes* não pode ocorrer sem o clítico demonstrativo (cf. (10)). Ou seja, o possessivo e *kel/kes* (artigo) estão a competir para a mesma posição: ambos marcam [definitude]⁸, enquanto o demonstrativo (*kel/kes ...-li/-la*) não faz isso, devido à sua função de dêictico.

- (10) a. N atxa rabes pamodi e ka kumi **nha kumida.**
 1SG achar estranho COMP 3SG NEG comer(PERF) POSS(1SG) comida
 ‘Lamento que ele não coma a minha comida.’
 b. Dja bu odja **kes nha fidju femia*(-li)?**
 Já 2SG ver(PERF) DEM POSS(1SG) filho fêmea-DEM
 ‘Viste estas minhas filhas?’

Segundo Raposo (2003), é possível termos elipse de N com a presença de um artigo definido se houver material lexical à direita do DP (cf. (8), onde *-la* está na margem direita de DP, e compare-a com (11-12)).

- (11) É ki prupósta di Pedro Cardoso pode konsideradu
 Ser que proposta de P. C. pode considerar+PASS
 un pasu pa trás, relatiamenti a **kel (*li)** di A. de P. B.
 um passo para trás relativamente a DET (*DEM) de A. de P. B.
 ‘É que a proposta de Pedro Cardoso pode ser considerada um passo a trás relativamente à de A. de Paula Brito.’ (Silva, 1998: 117)

⁷ Tal como dissemos na secção anterior, apesar de *kel/kes* ser ainda, e originalmente, o demonstrativo, “speakers may use existing forms to express new meanings” (cf. Bruyn, 1995a: 24).

⁸ Note-se que o artigo indefinido e o possessivo podem co-ocorrer porque eles não estão a competir (cf. (i), que contrasta com (10a)).

(i) Un **nha** migu ka skrebe-m.
 A POSS(1SG) amigo NEG escrever(PERF)-1SG
 Lit.: ‘Um meu amigo não me escreveu.’
 ‘Nenhum amigo meu me escreveu.’

- (12) Nu ta atxa txeu stória di Lobu ku Xibinhu.
 1PL PERF achar muito história de Lobo com Cabritinho
 Si nu konpara kes stória ki sta na kel livru
 se 1PL comparar(PERF) DET(PL) história que estar em DEM livro
 ku kes (*li) ki nu ta prizenta na (...),
 com DET (*DEM) que 1PL PERF apresentar em (...)
 nu ta nota ma kontiudu é idêntiku.
 1PL PERF notar que conteúdo ser idêntico
 ‘Nós encontramos muitas histórias d’ O Lobo e o Cabritinho. Se compararmos
 as histórias que estão nesse livro com as que nós apresentamos aqui,
 verificamos que o seu conteúdo é idêntico.’ (Lima, 2000: 15)

Para além disto, o artigo definido *kel/kes* tem de ocorrer quando, apesar de ser [+definido, +específico], não pode ter a interpretação de dêictico espacial (cf. (13)).

- (13) Kes ómi importanti dja txiga Tarafal.
 DET homem importante já chegar(PERF) Tarrafal
 a. ‘Os homens importantes chegaram ao Tarrafal.’
 b. #‘Homens importantes chegaram ao Tarrafal.’
 c. #‘Estes/aqueles homens importantes chegaram ao Tarrafal.’
 d. #‘Alguns homens importantes chegaram ao Tarrafal.’

As construções partitivas também nos mostram que o *kel/kes* se comporta, necessariamente, como um artigo definido (quando não co-ocorre com *-li/-la*), uma vez que “o conjunto considerado sobre o qual se efectua a extracção está previamente determinado e definido (...)” (cf. Duarte & Oliveira, 2003: 227), com a presença obrigatória do Det (ver (14)).

- (14) a. Dos di kes sinku rapas di Cordas do Sol doensi
 NUM de DET NUM rapaz de Cordas do Sol adoecer(PERF)
 (e pa ke-la k’es ka kanta).
 ser por DEM-CL que-3PL NEG cantar(PERF)
 ‘Dois dos cinco rapazes do Cordas do Sol adoeceram (por isso é que eles
 não cantaram).’
 b. Dos di kes sinku rapas-li doensi
 NUM de DEM NUM rapaz-CL adoecer(PERF)
 (e pa ke-la k’es sta fatela).
 ser por DEM-CL que-3PL estar magricela
 ‘Dois destes cinco rapazes adoeceram (por isso é que eles estão magros).’

Os dados apresentados mostram-nos que a hipótese de partida, segundo a qual o CCV exhibe BNPs na posição de sujeito pré-verbal porque não tem artigos, é infirmada. Assim sendo, interessa-nos saber quais são as condições de ocorrência destes BNPs.

3. BNPs

3.1. Contexto narrativo

Alguns autores (cf. Baptista, 2002, entre outros) propõem a existência de um Det nulo em CCV, porque apesar de não ser explícito expressa [\pm definitude] e [\pm especificidade].

Em CCV, os BNPs em posição de sujeito são muito frequentes (tanto no singular como no plural (-s)), especialmente se eles forem ligados discursivamente⁹. Num contexto narrativo (como em (15)), uma vez introduzido no discurso, o BNP torna-se disponível com a interpretação [+def., + especific.], gerando uma leitura Existencial.

- (15) Un bes, un ómi; di lonji bá kása di un mudjerj (...).
 Um vez um homem de longe ir(PERF) casa de um mulher
 Mudjerj resebe-l ben resebedu (...). Ómi; fla (...).
 Mulher receber(PERF)-3SG bem receber+PASS homem falar(PERF)
 'Era uma vez, um homem que veio de longe foi a casa de uma mulher. A mulher recebeu-o muito bem. O homem disse (...).' (Silva, 1987: 55, *apud* Lang, 2002: 22)

No entanto, o objectivo do nosso artigo não é a análise deste tipo de contexto.

3.2. O traço de [número] para legitimar BNPs

Na literatura sobre línguas crioulas é referido com frequência que estas línguas são morfologicamente 'pobres', *i.e.*, elas quase não têm morfologia verbal, nem marcas de género e número (cf. DeGraff, 1999 e 2001).

Contudo, em CCV, "*plural suffixation on nominal stems (...) is a highly productive process regulated by principled licensing conditions, especially animacy, definiteness and episodic tense*"¹⁰ (Baptista, 2002: 35).

Também já foi proposto que, em CCV, "*In determinerless DPs, the plural marker surfaces in the first element within the DP*" (cf. Castro & Pratas, 2003, entre outros). Nós vamos propor que, em geral, é isso que acontece no DP, mesmo quando D^o é preenchido por material lexical (cf. (16)).

⁹ Baptista (2002: 31) afirma que "*there are several reasons why bare NPs may appear. First, the speaker may consider information regarding specificity as irrelevant (she is referring to 'generic') (...). Second, in the realm of definite NPs, the entity may be easily identifiable by both the listener and speaker if such an entity is familiar to their world. This would also be applicable to unique entities that form their own class such as sol 'sun'*".

¹⁰ Supostamente, a 'animacidade' é um traço independente dos nomes (ver Quadro 3, onde podemos considerar a [animacidade] como um subtraço dos nomes [+ contáveis]).

- (16) **Kes prumeru livru** ki Veiga skrebe ta ledu txeu.
 DET primeiro livro que Veiga escrever(PERF) IMPERF ler muito
 ‘Os primeiros livros que Veiga escreveu lêem-se muito.’

Quanto ao [número], iremos propor que os BNPs são interpretados de acordo com os seus traços lexicais/semânticos [α contável]. Os BNPs [+SG, -contáveis] parecem desencadear as mesmas interpretações que os BNPs [+PL, +contáveis] (cf. (17-18))¹¹, nomeadamente, a leitura Genérica (quando a propriedade predicada sobre o nome é uma característica da maior parte dos membros do conjunto).

- (17) **Diskunfiansa** ta sipara kretxeu.
 Desconfiança IMPERF separar namorados
 ‘A desconfiança separa os namorados.’
 Interpret.: GENÉRICA

- (18) **Barkus** ta navega na mar.
 Barcos IMPERF navegar em mar
 ‘Os barcos navegam no mar.’
 Interpret.: GENÉRICA

Note-se que quando um BNP [+SG, +contável] ocorre na posição de sujeito, a interpretação preferida é a leitura Distributiva, no sentido em que a propriedade predicada sobre o nome é uma característica distintiva de todos os membros do conjunto, sem excepção (cf. Oliveira & Cunha, 2003). Os dados de (1), (19) e (20) mostram precisamente este contraste:

- (19) **Gatu** ta morde rixu.
 Gato IMPERF morder rijo
 ‘O gato morde com gravidade.’
 Interpret.: DISTRIBUTIVA (‘se x é um gato, então x morde com gravidade.’)

- (20) **Pa buru**_[+SG, +cont.] pa ka perdi.
 Para burro para NEG perder(IMPERF)
 ‘Para que o burro não desapareça.’ (Quint-Abrial, 1998)
 Interpret.: DISTRIBUTIVA (‘se x é um burro, então x não pode desaparecer.’)

Finalmente, o valor aspectual do predicado influencia a ocorrência de BNPs e a sua interpretação (tal como é esperado e atestado noutras línguas). Se um BNP co-ocorre com um predicado *Stage-level* (PERF), desencadeia uma interpretação Existencial ([+específica]) quando o BNP está ligado ao discurso anterior ou faz parte do conhecimento do mundo (veja-se o contraste entre (19) e (21)).

¹¹ Tal como foi descrito para o Inglês por Carlson (1977).

(21) **Gatu** morde rixu.

Gato morder(PERF) rijo

‘O gato mordeu com gravidade.’

Interpret.: EXISTENCIAL (‘há um x: gato, tal que esse x morde com gravidade’)

Também a modificação de BNPs por orações relativas é particularmente interessante porque, como seria de esperar, *kel/kes* pode ocorrer com o N antecedente da relativa sempre que a interpretação pretendida é a [+especifica]. Este contexto sintáctico constitui mais um argumento a favor do facto de *kel/kes* estar a caminhar para um artigo definido (cf. (22-23), orações restritivas com predicados *Stage-level*).

(22) **Kes ómi/Ómis ki Maria papia kos (=ku-es)**

DET homem/homens que Maria falar(PERF) com-3PL

es sta na taberna.

3PL estar(PERF) em taverna

Lit.: ‘Os homens que a Maria falou com eles, eles estão na taverna.’

‘Os homens com quem a Maria falou estão na taverna.’

(23) **Kes flor/Floris ki bo panha es e mutu bunitu.**

DET flor/flores que 2SG apanhar(PERF) 3PL ser muito bonito

‘As flores que tu apanhaste são muito bonitas.’

Quando o DP relativizado tem de ser interpretado como [- específico], gerando uma leitura Genérica, o D^o não pode ser preenchido com *kel/kes*, tal como se espera (cf. Quadro 2. abaixo e (24-25), orações relativas restritivas hipotéticas com predicados *Individual/Kind-level*).

(24) (**{*Un/*Kel}**) **ómi ki ta doensi ka ta**
 (*DET) homem que IMPERF adoecer NEG IMPERF

bai trabadju.

ir trabalho

‘Homem que adoença não vai trabalhar.’

(25) **Kel mininu-li ta fase senpri mesmu kusa:**

DEM menino-CL IMPERF fazer sempre mesmo coisa

(**{*un/*kel}**) **katxor k’e ta odja na rua, e ta**

(*DET-SG) cão que-3SG IMPERF olhar em rua 3SG IMPERF

leba pa kasa.

levar para casa

‘Este rapaz faz sempre a mesma coisa: (todo o) cão que ele encontre na rua, ele leva para casa.’

Os dados acima levam-nos a concluir que, em CCV, a manifestação de [número] é uma condição forte para a ocorrência de todo o tipo de BNPs. Veja-se, por exemplo, línguas como o Inglês, em que o *Bare* [+singular, +contável] nunca pode ser sujeito (cf. (26b.)):

- (26) a. Cats like fish.
b. *Cat likes fish.

3.3. Resumindo

	[+DEFINITUDE]	[-DEFINITUDE]
[+singular]	Kel	Un
[-singular]	Kes	Uns

Quadro 1. Traços de [número] e de [definitude] no D^o explícito

	[+DEFINITUDE]	[-DEFINITUDE]
[+específico]	Kel/kes / \emptyset ¹²	Un(s)
[-específico]	\emptyset	Un / \emptyset

Quadro 2. Traços de [definitude] e de [especificidade] em D^o

	[- CONTÁVEL]	[+ CONTÁVEL]
[+ singular]	N	N
[- singular]	*N+s	N+s

Quadro 3. Traços morfológicos de [± número] e traços lexicais de [± contável]

	STAGE-LEVEL	INDIVIDUAL/KIND-LEVEL
[+ singular, -contável]	Existencial ¹³	Genérico
[+ singular, +contável]	Existencial	Distributivo
[- singular, +contável]	Existencial	Genérico

Quadro 4. Leituras possíveis dos BNPs e tipos de predicados

Considerando as interpretações possíveis dos BNPs em CCV, somos levados a adiantar uma outra hipótese de trabalho: a de que nesta língua a semântica e/ou o discurso excluem as derivações sintáticas inadequadas. Na secção abaixo apresentamos a nossa proposta de análise dos dados em causa.

¹² Um BNP só pode ser [+ def., + especif.] em contextos discursivamente ligados (cf. (15)).

¹³ Note-se que a leitura Existencial só está disponível em contextos discursivamente ligados (ver nota 12).

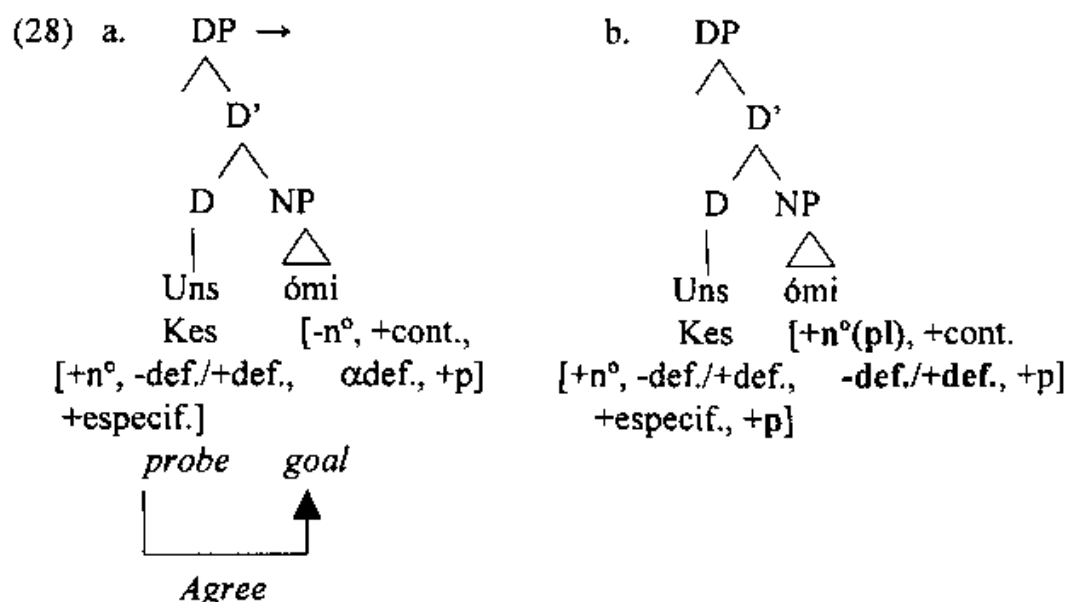
4. A estrutura do DP

Com base na breve descrição do domínio nominal do CCV, apresentado na secção 2., propomos que a estrutura do DP nesta língua é *non-split* e que o [número] é um traço formal de D^o¹⁴.

Assumimos que, em CCV e à semelhança de Magalhães (2004) para o Português do Brasil, o DP é uma Fase e que o D^o tem de ser preenchido, ou por um determinante lexical ou, no caso dos BNPs, pelo próprio nome. Assumimos ainda que, quando é necessário, se aplica a operação *Move*, porque é o D^o (a fronteira do DP) que verifica os traços formais de aspecto em TP, de modo a verificar o traço de [específico].

Deste modo, quando D^o se encontra preenchido por um artigo (indefinido, como em (27a.), ou definido, como em (27b.)) e o predicado é perfectivo, os enunciados recebem uma leitura Existencial. Nesses casos, D^o é marcado positivamente para o traço [específico] e funciona como uma *probe*, porque contém um traço subespecificado – [pessoa] –, indo à procura do valor desse traço no NP (o *goal*). Quando D^o e NP (concretamente o seu núcleo, N^o) se encontram opera a relação de *Agree* e os valores dos traços são actualizados (cf. (28b.)).

- (27)a. Uns ómi tilifona-m.
 Uns homem telefonar(PERF)-1SG
 ‘Alguns homens telefonaram-me.’
 b. Kes ómi tilifona-m.
 Os homem telefonar(PERF)-1SG
 ‘Os homens telefonaram-me.’
 Ambas: EXISTENCIAL



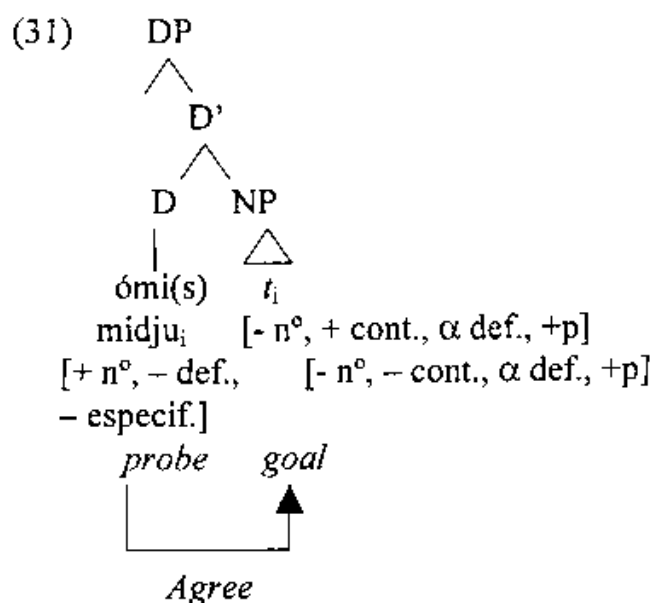
¹⁴ Não avançaremos nada sobre o [género] nos nomes porque assumimos que estes são lexicalmente marcados quanto ao [género].

Nos casos observados na secção 3., ou seja, enunciados com BNPs na posição de sujeito pré-verbal em contextos discursivamente não ligados, propomos que D° seja marcado como [-específico], gerando conseqüentemente leituras Genéricas (como em (29)) ou Distributivas (como em (30)).

(29) a. Ómis ta trabadja.
Homens IMPERF trabalhar
'Os homens trabalham.'

b. Midju ta intxi bariga.
Milho IMPERF encher barriga
'O milho enche a barriga.'
Ambas: GENÉRICO

(30) Ómi ta trabadja.
Homem IMPERF trabalhar
'Um homem trabalha.'
Interpret.: DISTRIBUTIVA

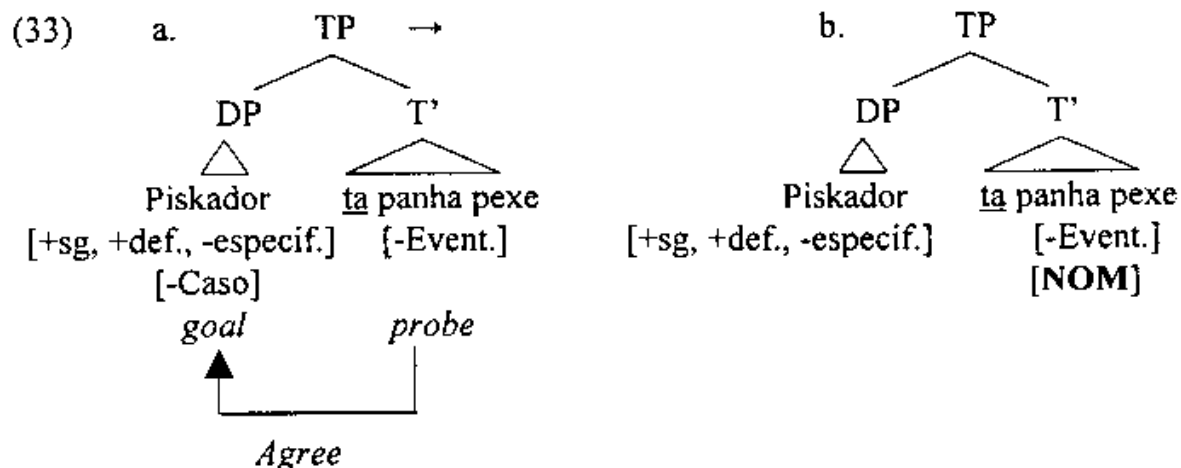


Em (28) e (31) sugerimos uma análise unificada para a estrutura do DP em CCV. Contudo, a interpretação Genérica e a Distributiva obtidas em (29) e (30) *versus* a Existencial em (34) continua por explicar.

4.1. DP e TP

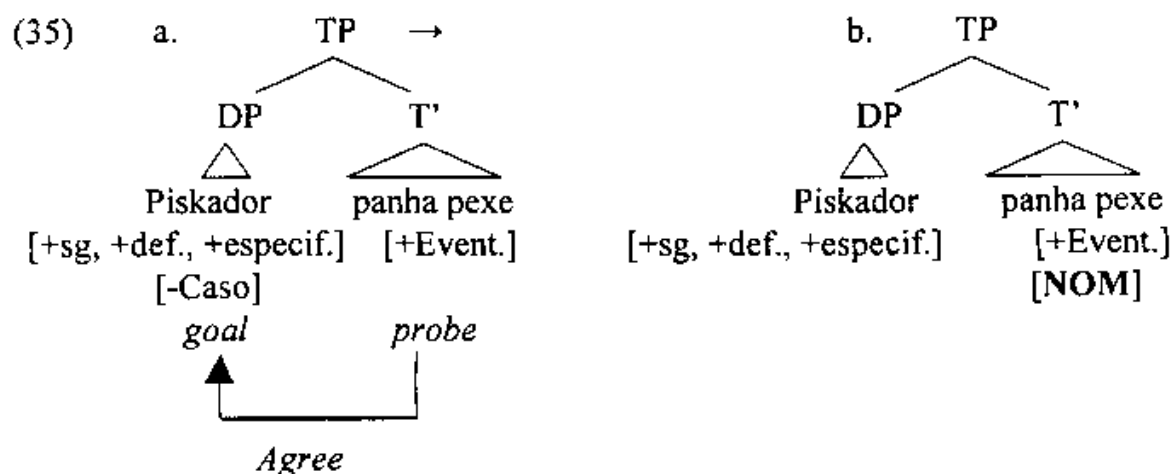
Com o objectivo de darmos conta das interpretações possíveis de um BNP [+SG, +Cont] na posição de sujeito pré-verbal, propomos que a semântica tem de interpretar composicionalmente as derivações sintácticas de acordo com o traço [\pm Eventivo] em T°, disponibilizado pela componente sintáctica. Assim, o DP em Spec/TP tem de verificar o seu traço de [especificidade] contra o traço [\pm Eventivo] de T° (cf. (32)).

- (32) **Piskador** ta panha pexe.
 Pescador IMPERF apanhar peixe
 'O pescador apanha peixe.'
 Interpret.: DISTRIBUTIVA



Note-se que um BNP só pode ter leitura Existencial em contextos discursivamente ligados, mas nesse caso o que desencadeia tal interpretação é o traço interpretável [+Eventivo] do TP (cf. Quadro 5.)

- (34) **Piskador** panha pexe.
 Pescador apanhar(PERF) peixe
 'O pescador/Um pescador (que nós conhecemos)/*Pescador apanhou peixe.'
 Interpret.: EXISTENCIAL



Concluimos então que, no sistema computacional, não precisamos de ter traços como [± Episódico] ou [± Genérico].

	[+ EVENT.]	[- EVENT.]
[+ especif.]	Existencial	
[- especif.]		Genérico / Distributivo

Quadro 5. Traços sintáticos e leituras semânticas

5. Conclusões

Neste artigo, tentámos mostrar, através de uma sumária descrição do sistema nominal do CCV, que esta língua crioula de base lexical portuguesa tem artigos (indefinido e definido) e, apesar disso, BNPs. Contrariámos, assim, a tese de que as línguas têm BNPs na posição de sujeito quando não têm artigos definidos. Foi a partir desta constatação que propusemos que em CCV é a semântica e/ou o discurso que excluem as derivações sintáticas inadequadas.

Assumimos então que, sempre que um determinante lexical é inserido por *Merge* no decorrer da derivação, a marca de plural se manifesta em DET, bloqueando o movimento do N para D° (os traços formais são verificados através da relação núcleo-complemento). Nos enunciados com BNPs sujeitos pré-verbais, (i) D° tem traços de [número] que descartam a necessidade de postular uma categoria funcional NbP; (ii) N° tem de subir para D° e (iii) o traço [-específico] em D° é verificado, obrigatoriamente, no domínio do TP, sendo que o traço [Eventivo] de T implica [especificidade] (a leitura Genérica está disponível sempre que o T precise de verificar um traço [-Eventivo], enquanto a leitura Existencial está disponível quando T precisa de verificar um traço [+Eventivo]).

Relativamente às leituras semânticas desencadeadas por [+Event., -especif.] e [-Event., +especif.] (cf. Quadro 5.), estas precisam de mais investigação.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Nélia & HAGEMEIJER, Tjerk (2005) Bare Nouns and the Nominal Domain in Santome. In Jacqueline Guéron & Marlyse Baptista (eds.), *Bare Nouns in Creole Languages*. Amsterdam: John Benjamins (no prelo).
- BAPTISTA, Marlyse (2002) The Syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento Varieties. *Linguistics Today* 54. Amsterdam: John Benjamins.
- BICKERTON, Derek (1981) *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma.
- BRITO, A. de Paula (1967) Dialectos crioulos-portugueses. Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. *Estudos Linguísticos – Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, pp. 329-404.
- BRUYN, Adrienne (1995a) Noun Phrases. In J. Arends, P. Muysken & N. Smith (eds.) *Pidgins and Creoles: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 259-269.

- 1995b. *Grammaticalization in Creoles: the Development of Determiners and Relative Clauses in Sranan*, Diss. de Doutoramento, Amsterdam: IFOTT.
- CARLSON, G. (1977) A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and Philosophy* 1. Reidel: Dordrecht, pp. 413-457.
- CASTRO, Ana & PRATAS, Fernanda (2003) Capeverdean DP-internal number agreement: additional arguments for a Distributed Morphology approach. *Lisbon Workshop on Agreement*. 10-11 de Julho. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- CHOMSKY, Noam (2001) Derivation by Phase. In Michael Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Mass.: MIT, pp. 1-54.
- COELHO, F. Adolfo (1967) Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In J. Morais-Barbosa (ed.) *Estudos Linguísticos – Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, pp. 1-234.
- COSTA, Joaquim V. B. da & DUARTE, C. José (1967) O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. In J. Morais-Barbosa (ed.) *Estudos Linguísticos – Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, pp. 235-328.
- CRILOLO DE CABO VERDE (1998) *Bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Crioulo Cabo-verdiano*. Suplemento «B. O.» da República de Cabo Verde. 31 de Dezembro de 1998, pp. 19-23.
- DeGRAFF, Michel (1999) *Language Creation and Language Change: Creolization, Diachrony and Development*. Cambridge: MIT Press.
- (2001) Morphology in Creole genesis: linguistics and ideology. In Michael Kenstowicz (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge: MIT Press.
- DUARTE, Inês & OLIVEIRA, Fátima (2003) Referência Nominal. In Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, cap. 11.
- LANG, Jürgen (dir.) (2002) *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*. Tübingen: Alemanha, pp. 21-41.
- LEGATE, Julie Anne (2003) Identifying Phases. *Workshop on EPP and Phases*. MIT. January 16-17.
- LIMA, Humberto (Org. e Coord.) (2000) *Un Bes Tinha Nhu Lobu ku Xibinhu*. Praia: Instituto de Promoção Cultural.
- MAGALHÃES, Telma (2004) A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA* 20 (1). Univ. Campinas/FAPESP, pp. 149-170.
- OLIVEIRA, Fátima & CUNHA, Luís Filipe (2003) Termos de Espécie e Tipos de Predicados. *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*. pp. 57-78.
- RAPOSO, Eduardo P. (2003) Towards a unified syntax of determiners and pronominal clitics in Romance. *Conversas d'Horas*. Lisboa: CLUL.
- SANTOS, Horácio (1999) Nhas Lenbransa – Féstas na Kau Berdi. *Aliança*, Dez., p. 7.
- (2000) Stórias ki nu obi ta kontadu – Pasaji di Betu Nha Pretinha. In *Aliança*, Abr./Maio, p. 34.
- SILVA, T. V. da (1998) Kiriolu: Spedju di nos alma. In *Cultura*. nº 2. Praia: Ministério da Cultura de Cabo Verde, pp. 109-131.
- VERDIAL Soares, Nuno (1997) *Os Sintagmas Nominais Simples*. Diss. de Mestrado. Lisboa: FLUL.